

Poesia apresentada

Prof. Dr. Valdir Prigolⁱ (UFFS)

Resumo:

Um sintoma do presente é a quantidade de coleções organizadas em torno da apresentação de poetas e ficcionistas. Estas coleções parecem partir da imagem de um leitor estrangeiro aos autores apresentados. Por isso, constituem-se como guias, manuais, roteiros de leitura. A coleção Ciranda de Poesia, da Editora da UERJ, publicou um livro de Susana Scramin sobre o poeta Carlito Azevedo em que a apresentação do poeta parte de uma imagem recorrente em sua obra: a freqüentação. Este texto recompõe o método adotado pela autora e alguns textos do autor para mostrar como eles propõem a freqüentação como forma de aproximar o leitor dos poemas do autor e dele mesmo.

Palavras-chave: apresentação, poesia, imagem, freqüentação, leitura, mediação.

O leitor estrangeiro

Como em “Noturno arrabaleiro” (“Os grilos...os grilos...Meu Deus, se a gente/ Pudesse/ Puxar/ Por uma/ Perna/ Perna/ Um só/ Grilo,/Se desfiariam todas as estrelas”), de Mario Quintana, ler um livro como o de Susana Scramin sobre a produção de Carlito Azevedo, publicado na coleção Ciranda de Poesia da Editora da UERJ, parece abrir a possibilidade de desfiar um sintoma: a publicação de coleções de livros dedicadas à apresentação individual de poetas e ficcionistas para um público mais amplo do que o acadêmico. Além da coleção da EDUERJ, a da Editora Globo – Por que ler - segue este mesmo caminho. As escolhas são diferentes mas o sintoma parece ser o mesmo: é preciso ou é possível ou há demanda para a publicação de apresentações de autores como uma forma de aproximar leitores e textos.

As linhas iniciais do livro da Susana parecem falar um pouco desse gesto: “Em 1961, entre as duas primeiras viagens na órbita da Terra, a do russo Yuri Gagarin em 12 de abril, a partir da qual temos a notícia de que ‘A Terra é azul’, em 5 de maio, a do norte-americano Alan Shepard, e a construção do Muro de Berlim, que teve seu início em 13 de agosto, nasce a 4 de julho na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, Carlito Azevedo.”. A distância temporal mas especialmente a espacial, o fato de começar do alto, distante, até chegar ao poeta do qual vai falar (em um movimento *sublunar*), oferece uma imagem potente para pensar obras desta natureza – a idéia de um leitor estrangeiro aos textos do autor ao qual ele será apresentado. Noção que podemos ver na coleção de livros da Civilização Brasileira, nos anos de 1960, que inclui obras sobre Brecht e Marcuse, por exemplo, da

Agir, com a edição e agora reedição da Nossos Clássicos ou até mesmo em coleção que tinha em vista um público eminentemente escolar como Literatura Comentada. A sobrevivência deste modo de apresentar parece reforçar a ideia de um leitor estrangeiro, no caso da coleção em que está o livro da Susana, especialmente em relação aos autores contemporâneos.

Sem retomar o tópico reiterado constantemente da distância entre o leitor e a poesia, presente recentemente em textos de Ricardo Domeneck ou em “Aqui América Latina” de Josefina Ludmer, a sobrevivência deste modelo parece apontar uma outra possibilidade para o exercício da crítica: a aproximação entre obras e leitores. Ainda que a partir da sobrevivência do autor como modo de apresentação das obras. E é por isso que pensei em iniciar uma pesquisa sobre estas apresentações começando pelo livro da Susana.

Frequentar o texto

O modo como o livro da Susana está composto é importante. Por isso, retomo rapidamente a sua estrutura: uma apresentação biográfica, apresentação das obras do autor enquanto poeta, editor e condutor de oficinas literárias, as críticas à poesia do autor e uma antologia comentada de alguns poemas. Partindo da noção de que a “idéia se movimenta em direção às coisas”, Susana se movimenta e movimenta o leitor para uma freqüentação dos textos do autor.

Essa compreensão é importante porque na introdução do livro, os dados biográficos são mínimos, suficientes para marcar as lições aprendidas por Carlito no diálogo com outros poetas e autores na construção de sua voz. A idéia de lição é capital para o texto de Susana porque surge aí, também, a proposta de que a poesia de Carlito constitui-se nesse diálogo e, como aponta Susana, é uma poesia *à maneira de*. Não enquanto paródia, tradução, pastiche mas sim “enquanto uma ação, uma posição frente aos textos e à literatura”. O poeta constitui-se, nesta leitura, como o frequentador de outros textos. Não só textos porque *à maneira de* lembra-nos também a pintura, desejo inicial de Carlito, e estende-se na poesia do autor a um espectro amplo de imagens (fotografia, fotonovela, cinema).

É a partir desta noção, da poesia como *à maneira de*, aproximando os textos de Carlito ao diálogo com Baltasar Gracián e Mario Perniola, é que os livros do autor são apresentados. De *Collapsus Linguae*, passando por *As banhistas*, até *Sublunar*, a poesia de Carlito Azevedo produz-se na freqüentação de textos e imagens, apresentando um “conhecimento dado pelo evento que proporciona a aparição das coisas, diga-se, do ser como fantasma, como imagem”. É daí que surge, como diz uma autora retomada por Susana, “o mundo como vertiginosa superfície cromática” (Lu

Menezes). É como se da freqüentação de outros textos o poeta trouxesse imagens para o seu poema, dispostas em “relação de subordinação” em que o mundo apresentado para a freqüentação do leitor fosse feito da aproximação de “superfícies/imagens” (ou restos do mundo lírico).

A edição e a oficina como espaços de freqüentação

O fato de pensar como parte da obra de Carlito o seu trabalho como editor e como condutor de uma oficina de poesia é um ganho para o trabalho da autora porque mostra como estas atividades dialogam com a produção poética.

Carlito Azevedo assume em 1997 a edição da revista Inimigo Rumor, usando como apresentação uma carta de João Cabral de Melo Neto para Clarice Lispector falando do projeto de uma futura revista de poesia. Este gesto foi lido por muitos (pelo que diz a carta em relação à futura revista nominada como Antologia) como uma pedagogia da eleição. Mas Susana mostra que eleger, para João Cabral e para Mario Perniola, é antes um gesto de aprendizado, porque, como diz um verso do poema do autor pernambucano citado pela autora “para aprender da pedra, frequentá-la”.

Frequentar, como lemos no dicionário, possui sentidos como “ir muitas vezes, repetidamente, a um lugar”, “viver na intimidade de, conviver com”. Se estes sentidos lançam uma pequena luz no modo de composição dos poemas de Carlito, o fazem também para o trabalho do autor como editor. Como diz Susana: “Estamos diante de uma pedagogia do ‘frequentar’ as coisas.”.

A leitura de qualquer número da revista coloca o leitor diante da experiência de frequentar em um mesmo espaço poemas de autores consagrados, de novos poetas, de teorias sobre poesia, de traduções, de ensaios sobre poetas específicos, entrevistas. Em palestras e entrevistas Carlito tem reiterado o desejo, a partir deste projeto editorial, de colocar o leitor diante de uma montagem que dá visibilidade e aproxima o que ele (leitor) não está esperando. Há ainda, como ele mesmo diz, um desejo de pensar a história da poesia de um outro modo para que o leitor a frequente de uma forma “inédita”.

Por isso, o suporte e a “identidade” da revista e de outros projetos pensados por Carlito são relativizados. Depois do número 20 da revista Inimigo Rumor ele diz que poderia pensar em um número editado em cd. Ou a revista que ele criou para ser enviada por e-mail (O Quarto-Zagueiro). A forma de lidar com a “identidade” das revistas é no mínimo inusitado ao ir contra a corrente editorial (e mercadológica) de padronizar os formatos e os suportes. Aqui é importante lembrar do que Susana diz em relação à ideia do eleger vinculada ao aprender e não ao escolher. Convite ao aprender, ao frequentar que também está presente na coleção de livros de poesia Às de Colete, que

de algum modo parece funcionar como seção da revista Inimigo Rumor.

Quem lê as dez lições da Oficina de Poesia conduzida virtualmente por Carlito Azevedo no Portal Literal, entre 2005 e 2006, percebe que elas, como diz Susana, não “ensinam” nada. Funcionam quase como anti-lições se as compararmos com outras similares. As dez lições funcionam como uma oficina de freqüentação porque como cada uma se organiza a partir de um tema, este tema serve para o autor produzir uma “antologia” de poemas sobre ele e comentá-los, convidando o leitor a freqüenta-los. A oficina 2, por exemplo, que fala da presença do eu no poema, é o espaço para apresentar poemas de Sebastião Uchoa Leite, Carlos Drummond de Andrade, César Vallejo, Paulo Leminski, Eudoro Augusto, Aníbal Cristobo, João Cabral de Melo Neto, Francisco Alvim, Michael Palmer, Federico Garcia Lorca, Cacaso, Borges. E os “exercícios”, reiteram a idéia da *maneira de*, da freqüentação, como vemos proposto no final da oficina 1: “Pegue um poema de algum poeta de sua preferência e insira nele uma estrofe inteira de sua autoria...depois, pegue sua estrofe e faça o seu próprio poema...podemos considerar que os poetas nascem uns dos outros, e que do casulo de um sai a borboleta do outro...Não se prenda a questões como ‘angústia da influência’, ‘atentado à originalidade’...tente só se divertir um pouco...”.

Frequentar a crítica

Se como diz Susana, a obra de Carlito é conduzida por uma noção de “beleza elegante, aquela que não elege”, é esta mesma noção que a autora coloca em cena ao apresentar as críticas que os leitores já produziram sobre a obra de Carlito Azevedo. Aqui é possível observar como depois de apontar a singularidade da produção do poeta, exhibe a multiplicidade de leituras que essa poesia tem sem eleger a sua linha preferida. Inclusive cita-se, junto com os demais, como leitores construindo hipóteses. Esse modo de apresentar a crítica parece um convite para o leitor frequentá-la, conhecê-la, elaborar suas conclusões, ou melhor, ler a singularidade da produção poética a partir da sua multiplicidade.

O gesto operado por Susana é relevante porque mimetiza, de algum modo, o trabalho que ela está comentando e não decide pelo leitor. Gesto, pode-se dizer, contrário à prática corrente que decide o sentido antecipadamente sem necessariamente convidar para a “freqüentação” ou exigir a leitura dos textos comentados.

Frequentar os poemas

O livro da Susana encerra-se com uma pequena antologia. Como ela diz “Tentei libertar os poemas das suas marcas de uso, justamente mediante a radicalização do seu uso, ou seja, transformando-os em objeto de meu uso, e assumindo isso como procedimento de minha leitura. Os poemas foram selecionados sem observar tipologia alguma. São, ao contrário, fruto de um olhar ardente e persistente, já que não é a primeira, quiçá nem a última, vez que leio, falo e escrevo sobre esses mesmos poemas.” Esta tentativa de “libertar os poemas das suas marcas de uso” e colocá-los para o leitor em uma nova organização para que ele também faça uso parece ter um nome: freqüentação. A escolha dos três eixos para apresentar e comentar alguns poemas dizem bem deste gesto: 1. As passagens, 2. A experiência do outro, 3. A poesia e seus monumentos.

A antologia inicia justamente com três poemas em que aparece a noção de abertura, do abrir-se do poema para a entrada do leitor, mostrando como a freqüentação pode ser um elemento inerente aos próximos poemas.

Vejamos o primeiro poema apresentado:

Os pés premindo
a inexistente relva do asfalto

duro da rua sem vida a não ser a
que lhe dás quando subitamente cruzas
o espaço e somes num átimo deixando
entretanto no ar qualquer coisa de tão
botticelliano quanto num crepúsculo mediterrâneo
uma colhedora de mimosas a que um
homenzinho cedesse a passagem
à espera (desesperada)
de um sorriso.

O poema, na sua aparente imobilidade, pode deslocar o leitor do “asfalto/ duro da rua sem vida” para “uma colhedora de mimosas”. Esta passagem se dá num “átimo”, “subitamente”. Este “subitamente” está espalhado nos poemas com outros nomes e como mostra Susana é o momento em que a freqüentação torna-se passagem, experiência, ao deter o tempo e conduzir o leitor para outras temporalidades. O limiar é o colapso, o acidente, o relâmpago, como em um poema tão revisitado por Carlito, “a passante”, de Baudelaire. Poema que, como diz Didi-Huberman, é a “imagem que passa como um relâmpago” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 116). Parece que é neste momento fugaz, breve, em que o tempo é imobilizado, é que se dá a abertura para a freqüentação do leitor.

Mas como é esta freqüentação à imagem que passa como um relâmpago?

A leitura do segundo poema apresentado pela Susana pode nos oferecer uma resposta:

ABERTURA

Desta janela
domou-se o infinito à esquadria;
desde além, aonde a púrpura sobre a serra
assoma como fumaça desatando-se da lenha,
até aqui, nesta flor quieta sobre o
parapeito – em cujas bordas se lêem
as primeiras deserções da
geometria.

O uso dos pronomes demonstrativos, como “desta”, “desde além”, “até aqui”, espacializa esta imagem da flor no parapeito da janela, criando, como na temporalização, um movimento. A utilização desses dois processos acaba propondo uma perspectivação das imagens, criando uma abertura para que o leitor se movimente por entre elas, como lemos em outro poema do autor “Ao rés do chão”: “mobilidade fixa, a poesia”. A partir de um acidente, de um colapso, de um relâmpago, de “um ponto que se congela” (“Ao rés do chão), o leitor é guiado pela imagem e suas diferentes temporalidades, como lemos em um trecho de “Ao rés do chão”: “Num poderoso instante/um ponto se congela e, circundante, //tudo passa a fluir lento, arrastado,/e à volta desse círculo um mais largo//se abre onde prossegue normalmente/a vida e seu caudal; mais abrangente//há outro aonde tudo é tão veloz/que nem o percebemos.”. De qualquer modo, é um guia que aproxima superfícies, coloca-as no não saber. Não as explica.

A frequência a estes poemas, o modo como cria uma abertura para o leitor e o guia pelas imagens mostra a sobrevivência de um gesto que está na *Divina Comédia*, de Dante (e em *Os sertões*, de Euclides de Cunha). E esta sobrevivência do lírico em sua origem (como diz Eduardo Sterzi) está em “O tubo”, por exemplo, poema do Carlito em três partes, assim nominadas: Paraíso, Purgatório, Inferno. Os três tempos da imagem, poderíamos dizer? E veja como ele abre(-se): “O tubo//Parte 1: Paraíso//Foi quando a luz/voltou e vimos/o rosto da jovem/que se picava junto/à mureta do Aterro,/a camiseta salpicada,/a seringa suja.”

A frequência é risco

A pertinência do modo como o livro de Susana sustenta a apresentação da obra de Carlito Azevedo a partir da ideia de frequência pode ser vista em um desdobramento posterior ao livro: a criação da página *risco*, no suplemento *Prosa & Verso*, do jornal O Globo. A página consiste na apresentação de poemas antecidos de breves comentários. Na primeira edição, a página está dividida em duas partes: na primeira há a apresentação de 3 poemas da (novíssima) poeta Laura Lizzi e o comentário “Microcâmeras do espírito” e a tradução de um poema do polonês Zbigniew

Herbert e o comentário “A tradução é necessária”. João Cezar de Castro Rocha, em seu livro *Crítica literária: em busca do tempo perdido?*, aproxima a página de Carlito Azevedo com a de Mario Faustino, Poesia-Experiência, publicada no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, nos anos 50. De fato, o que as aproxima enquanto projeto é a compreensão do trabalho crítico como convite à freqüentação. Por isso os comentários são curtos e o número de poemas generosos. A página lembra também a experiência do alemão Marcel Reich-Ranicki: ‘A estrutura é a mais simples possível: reproduz-se um poema seguido de uma breve apresentação’ (Castro Rocha, 2006).

É, ainda, a idéia de relâmpago, de pequena luz que parece orientar a página. Como diz Carlito “Esta página onde se vai ler poesia pretende ser uma transparência através da qual se possa ver o mundo”. Se transparente é, como diz Perniola, ‘um corpo que faz passar a luz através de si’ (PERNIOLA, 2010), essa experiência de mediação é dinâmica, marcada pelo trânsito, pela enigma, pela propagação da luz’ (PERNIOLA, 2010). Uma experiência da graça, da delicadeza e discrição, presentes na composição da página. Risco, assim, pode ser encontrar os poemas certos para construir essa “transparência” para que o leitor “possa ver o mundo”, risco também pelo gesto anacrônico de ir contra a corrente da crítica (apresentar poemas), risco também proposto para leitor ao convidá-lo para a freqüentação dos poemas, das passagens, da experiência com o outro. Experiência que o texto freqüentado abre para o leitor. Como diz o início do poema de Laura Luzzi apresentado por Carlito Azevedo: “teu lar, //Lendo teu livro/revisitei os fundos da casa/ encostada na rocha crua/ onde primeiro vi/ o passeio aflito/ de um camaleão”.

Na apresentação da coluna A tradução é necessária o poeta reitera o gesto da *maneira de*, da freqüentação, ao aproximar a sua página de uma outra, a de Rubem Braga: “Herbert, que não tem livro publicado no Brasil, foi nossa escolha para inaugurar a coluna ‘A tradução é necessária’, com a qual prestamos homenagem à celebre seção ‘A poesia é necessária’, editada durante um bom tempo por Rubem Braga nas páginas da revista Manchete”.

O papel da apresentação e o leitor estrangeiro

O livro escrito pela Susana Scramin sobre Carlito Azevedo abre possibilidades para pensar a produção do poeta mas, principalmente, aponta o potencial da apresentação como guia para freqüentação ao trabalho de um autor ou de uma obra. Não é um livro sobre a freqüentação ou sobre a mediação mas faz as duas coisas com louvor e por isso nos leva a pensar nas estratégias de aproximação entre obras e leitores. O trabalho prevê o “leitor estrangeiro” e elege a freqüentação

para que ele se sinta em seu “próprio país”, em sua “própria língua”.

O livro de Susana Scramin abre um campo de trabalho pouco visitado pela crítica – a pesquisa sobre literatura e mediação cultural. Abre porque o seu livro chama para questões mais amplas, que espero desenvolver em outros trabalhos, como: a aproximação entre um leitor e um texto é sempre, necessariamente, mediada? A crítica, tal como exercida nos trabalhos de apresentação, poderia circular em outros espaços (acadêmicos)?

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, Carlito. Risco. Rio de Janeiro, **O Globo**, 10 abr. 2010. Prosa & Verso, p. 3.
_____. **Monodrama**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
_____. **Sublunar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.
CASTRO ROCHA, João Cezar de. **Crítica literária**: em busca do tempo perdido? Chapecó: Argos, 2011.
_____. Literatura, crítica literária e a imprensa. Hoje? Rio de Janeiro, **O Globo**, 28 jan. 2006. Prosa & Verso.
DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.
SCRAMIN, Susana. **Carlito Azevedo**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2010.
_____. **Literatura do presente**. Chapecó: Argos, 2007.
PERNIOLA, Mario. **Desgostos**. Florianópolis: Editora UFSC, 2010.
_____. **Enigmas**: egípcio, barroco e neobarroco na sociedade e na arte. Chapecó: Argos, 2009.
QUINTANA, Mario. **80 anos de poesia**. Rio de Janeiro: Globo, 2008, p. 151.

iAutor(es)

Valdir PRIGOL, Prof. Dr.
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
Curso de Letras
valdirprigol@uffs.edu.br